

OFICINA!

▼ 4º NÚMERO DO JORNAL DA ASSOCIAÇÃO DE ARTES GRÁFICAS OFICINA DO CEGO ▸ DEZ DE 2012
▼ FIZERAM-SE 301 EXEMPLARES CARIMBADOS ▸

www.oficinadocego.blogspot.com



EDIÇÃO DE ISABEL BARAONA ▸ PAGINAÇÃO DE JOSÉ FEITOR ▸ DESENHO DO ENCARTE DE ANDRÉ CATARINO ▸ ISSN 1647-9378 ▸ SAÚDE E DINHEIRO ▸

oficinadocego@gmail.com

EDITORIAL

Em Outubro deste ano a Oficina do Cego comemorou 3 anos. Criámos um projecto que une um grupo heterogéneo de pessoas, todos fiéis amantes das artes gráficas, que pensam e fazem livros. Promovemos exposições e feiras de livros, editámos livros e fanzines, criámos um jornal (este é o #4), demos diversas formações curtas (1 dia) e longas (4 meses), organizámos uma residência artística e organizámos conferências, construímos e cimentámos redes de trabalho entre a Covilhã, Porto, Leiria, Caldas da Rainha e Lisboa. Fizemos algumas parcerias de natureza institucional como o protocolo com a Casa Pia ou o acordo de formação com o CIEAM/FBAUL mas também internacionais, com a vinda de Amos Kennedy Jr., um tipógrafo do Alabama, e os artigos publicados no *Journal of Artists' Books* #32, edição norte-americana dedicada às edições de autor. Os últimos três anos foram, sem dúvida, produtivos a vários níveis e queremos celebrar os bons encontros que fizemos e o muito que aprendemos nas nossa reuniões sempre muito barulhentas.

Não nos interessa aqui fazer um exercício de rememoração saudosista, mas tão somente destacar a grande diversidade de propostas, experiências e colaborações que, nos últimos três anos, coexistiram na Oficina do Cego. Alguns dos textos aqui publicados reproduzem os *press-releases* (na sua totalidade ou um fragmento) escritos para os eventos documentados pelas fotografias. São textos sem autoria definida, escritos a várias mãos, expondo as intenções do(s) projecto(s), razão pela qual não estão assinados.

No início da nossa actividade fundámos uma sede rotativa entre os ateliers de Santa Justa, o British Bar do Cais do Sodré e salas de estar dos nossos associados, "morámos" dois anos no Atelier Concorde e recentemente iniciámos o processo de mudança de sede e de espaço oficial. Redesenhámos os planos de trabalho e estamos no momento a preparar o calendário das próximas formações para 2013. Estas e outras mudanças desafiam-nos ao exercício de auto-crítica.



Queremos melhorar diversos aspectos, tais como a regularidade das formações que podemos oferecer, a divulgação das mesmas, a procura e/ou acolhimento de novos colaboradores e associados, garantindo que o espaço da Oficina do Cego mantém uma saudável disponibilidade para continuar a acolher ideias, permanecendo *vivo*. Queremos um novo rumo que nos leve a mais 3 anos frutuosos.

E é neste contexto de celebração de uma nova etapa na Oficina do Cego, mas também por ser fim do ano, que perguntámos a várias pessoas ligadas à edição (no fazer, divulgar, vender): *e agora, que planos?*

Mais do que criar um espaço para contar a história dos seus projectos, o seu passado, pareceu-nos importante esboçar um calendário para 2013, como se fosse uma nota de intenções sobre o que está para vir. Ou seja, quisemos mapear o futuro a partir do que gostamos, reforçando redes de colaboração e apoiando os cúmplices que queremos ao nosso lado nos próximos anos. Esta é a nossa forma de resistir, de manter a lucidez, apoiando e divulgando autores e editoras que trabalham há algum tempo mas sobretudo, insistindo sempre, propondo novos projectos.

Este jornal terá uma estratégia de distribuição diferente dos números anteriores pois será disponibilizado gratuitamente online em formato PDF e, nesse sentido, terá uma tiragem aberta. 300 exemplares serão impressos e vendidos pontualmente. Essa série limitada contém um encarte desenhado por André Catarino, que apenas poderá ser adquirido via Oficina do Cego.

O próximo jornal será editado pelo António Coelho e pela Sandy Gageiro e vai ser monotemático sobre, com e em serigrafia. Vamos contar uma história com alguns anos, juntando personagens e um manual de instruções. Como se fazia? Como se faz? Como se pode fazer? Um mapa com pontos X. Oficinas, tipografias, e sabe-se lá.

Hoje, junto aos que nos coadjuvam na segunda edição de *O que um livro pode*, queremos festejar e lançar bases do trabalho dos próximos 3 anos!

Isabel Baraona

ATELIER REAL

2ª EDIÇÃO

ENCONTROS À VOLTA DO LIVRO DE ARTISTA E DA AUTO-EDIÇÃO

DIAS 7, 8 e 9 de DEZEMBRO 2012



01: Exposição no Centro de Artes, Caldas da Rainha, Out 2010 | 02: Vista geral da exposição | 03: Demonstração de encadernação por Manuel Leitão no Centro de Artes das Caldas da Rainha, 23 Out 2010 | 04: Participação da Oficina do Cego na 17ª Feira Laica, Mercado do Forno do Tijolo, Lisboa, Dez 2011 | 05: Cartaz de João Maio Pinto para o projecto de Residência Ghost, 2011 | 06: Vista geral do espaço de trabalho, Residência Ghost no Atelier RE.AL, Lisboa | 07: Impressão de linogravuras de André Lemos, Residência Ghost | 08: Impressão de serigrafia de José Feitor para o livro *Faca Romba*, Residência Ghost | 09: Colaboração com a Experimenta Design 2011, tribunal da Boa-Hora, Lisboa | 10: Manuel Leitão aos comandos da Heidelberg Printmaster das oficinas gráficas da Casa Pia, Lisboa, 2012 | 11: Poster de Cláudia Dias para a 2ª edição do curso de Auto-Edição da Oficina do Cego | 12: 1ª edição de "O que um livro pode": vista geral do espaço, feira de livros e mesa redonda com Mário Moura, Sofia Gonçalves e Joana Sobral, moderação de Pedro Moura, atelier RE.AL, Lisboa, 09 Dez 2011 | 13: "O que um livro pode": apresentação de Pedro Diniz Reis e de Carla Filipe, 11 Dez 2011 | 14: Workshop de tipografia artística de Amos Kennedy Jr. no espaço de trabalho da Oficina - atelier Concorde, Lisboa | 14: Workshop de serigrafia de António Coelho a partir de desenho de Filipe Abranches, atelier Concorde, 2012 | 16: Workshop de tipografia de Luís Henriques e Manuel Diogo no âmbito do Comunicar Design'12, ESAD.CR, Caldas da Rainha



LISTA DE PUBLICAÇÕES OC PRODUZIDAS ENTRE 2010 E 2012

Jan de 2010: *Canções Usadas*

Mini-antologia de 9 poemas de José Miguel Silva, Manuel de Freitas e Rui Pires Cabral, ilustrados com desenhos originais de Jucifer, Bárbara Assis Pacheco, José Feitor, Luís Henriques, André Lemos, Piggy, Filipe Abranches, Maria João Worm, Daniela Gomes e Bruno Borges. As ilustrações foram impressas em serigrafia e criadas pelo método directo e o texto foi impresso em tipografia de chumbo, em times new roman 12p e baton 16p sobre papel Academia 200 gr. A capa foi impressa com tipos de madeira, a duas cores em cartolina castanha de 300 gr. Tiragem numerada de 100 exemplares. Edição esgotada.



Abril de 2010: *Isilda ou a Nudez dos Códigos de Barras*, de Manuel de Freitas

Reedição de *Isilda ou a Nudez dos Códigos de Barras*, publicado pela Black Son em 2001 (edição esgotada). A versão da Oficina do Cego foi inteiramente composta e impressa com tipografia de caracteres móveis, numa tiragem de 250 exemplares numerados e assinados pelo autor e pelos tipógrafos Manuel Diogo e Luís Henriques.

Jun de 2010: *Jornal Oficina do Cego #1*

Edição e paginação: Luís Henriques; Capa: Jorge dos Reis. Cor: verde e preto; Dimensões 45X31 cm; Tiragem 1.000 exemplares, dos quais 150 serigrafados por António Coelho a partir de um desenho de Pedro Cabral Santo. Textos de Eduardo Brito, Catarina F. Cardoso, Isabel Baraona, Pedro V. Moura; entrevista a Vitor Silva Dias por Luís Henriques, Mariana Pinto dos Santos, Pedro Serpa, Sara Figueiredo Costa; poema de Manuel de Freitas. Desenhos e ilustrações de Ana Menezes, André Lemos, Bárbara Assis Pacheco, Daniel Lopes, Daniela Gomes, Isabel Baraona, Bruno Borges, João Chambel, Diniz Conefrey, José Feitor, Jucifer, Pedro Cabral Santo e Maria João Worm (BD). Edição esgotada.



Nov de 2010: *Jornal Oficina do Cego #2*

Edição e paginação: José Feitor; Capa: José Cardoso; ISSN 1647-9378. Cor: laranja e preto; Dimensões 45X31cm; Tiragem 500. Ilustrações de Daniela Gomes, Filipe Abranches, José Feitor, Matilde Feitor, Pedro Lourenço e Bruno Borges (BD). Textos de Eduardo Brito, Isabel Baraona, Luísa Casella, Luís Henriques e Sara Figueiredo Costa; poema de Rui Miguel Ribeiro. Edição esgotada.

Dez de 2010: *Chama-lhe o que quiseres*

Texto inédito de Rui Caeiro, composto, ilustrado e impresso em tipografia de caracteres móveis por Manuel Diogo e Luís Henriques. A capa foi impressa a preto em papel de 240 gr. O miolo é constituído por uma folha única de 100 x 35 cm – com um fundo monocromático impresso a partir de um conjunto variado de foto-gravuras – dobrada em cinco páginas com texto impresso a preto. Edição única de 200 exemplares, numerados e assinados pelo autor e pelos artistas gráficos.

Março de 2011: *Jornal Oficina do Cego #3*

Edição de Isabel Baraona; Design, cabeçalho e paginação de Cláudia Dias. Cor: azul; Dimensões: 45X31 cm; Tiragem: 500 exemplares. Ilustrações e desenhos de André Lemos, Bárbara Rocha, José Feitor, Luís Henriques, Paulo Leal (encarte), Rui Carvalho, Tamara Alves, Tiago Baptista (BD). Textos de Amir Brito Cadór, Ana João Romana, Catarina Leitão, Catarina F. Cardoso, Eduardo Salavisa, Filipe Leal de Faria, José Bártolo, Luísa Barreto, Pedro V. Moura, Sara Figueiredo Costa; poema de Manuel de Freitas.



Nov de 2011: *Aforismos do estádio*

Introdução e selecção de Manuel de Freitas, com aforismos de vários anónimos, ilustrados por Bruno Borges, Maria das Dores/Pedro Moura/João Maio Pinto, Daniela Gomes, Manuel Diogo, Jucifer, André Lemos, Ana Menezes, Isabel Baraona e Tony Wood. Capa de José Feitor. Grafismo, fotomontagem e composição de Luís Henriques. Fanzine de formato A5. Capa impressa em serigrafia. Miolo de papel azul (150 gr.), impresso em fotocópia digital, a preto. 75 exemplares numerados. Edição esgotada.

Out 2011: *Fábricas, Baldios, Fé e Pedras atiradas à Lama*, de Tiago Baptista

500 exemplares impressos em off-set, co-edição Oficina do Cego/associação Célula & Membrana a9))). Vencedor do prémio de melhor fanzine no FIBD da Amadora 2012.

Julho/Agosto de 2012: *Sarilhos*, de André Lemos

Álbum de serigrafia publicado pela Oficina do Cego com o apoio do atelier Mike goes West, impresso por António Coelho, José Feitor e André Lemos. A capa foi impressa sobre papel Vidia e o miolo sobre Munken pure e Fabriano Colore. Fizeram-se 75 exemplares numerados e carimbados, sendo que os 10 primeiros são acompanhados de uma impressão assinada e numerada pelo autor.



Dez 2012: *A Faca Romba*

O projecto mais ambicioso da OC: cerca de 30 colaboradores e 6 técnicas de impressão: texto e imagem a fazer *hommage* à tentação subconsciente suprema. Encadernação luxuosa. 190 exemplares carimbados. Uma edição histórica...

A FEIRA LAICA É A MAIOR FEIRA DE EDIÇÃO INDEPENDENTE EM PORTUGAL E A OC ESTÁ LÁ DESDE 2010



UMA HISTÓRIA

A Feira Laica surgiu na sequência lógica de outros eventos ligados à publicação independente (Natal Subterrâneo, Fantasias de Natal) e de uma rede de cumplicidades que se foi estabelecendo desde o início do século XXI entre um grupo de ilustradores e editores envolvidos numa multiplicidade de projetos, especialmente nas áreas da publicação de fanzines, da ilustração e da banda desenhada. Nesse mês de Dezembro de 2004 o José Feitor estava prestes a ser pai e precisava de despachar material (livros e discos em segunda mão) para arranjar espaço lá em casa. Foi preciso pouco para aliciar a meia dúzia de indefectíveis do costume (Bárbara Rof, Jucifer, André Lemos, João Bragança, ...), facilmente se organizou um pequeno evento que misturava artes gráficas, pequena publicação e até artesanato urbano, que na altura estava na berra. A primeira feira acabou por ser um golpe de ocasião, com pouca gente na altura a considerar sequer a hipótese de lhe dar continuidade. Tudo foi mais ou menos fortuito, a começar pela localização (Junta de Freguesia de São Mamede, em Lisboa) e pelo nome do evento, em reacção à feira paroquial que decorreu em simultâneo e na porta ao lado, embora haja outras interpretações. Numa atitude que se tornaria tradição na Feira Laica, esta primeira edição contou com exposições (André Lemos) e venda de livros e discos em 2ª mão.

Apesar da pequena escala, esta primeira feira serviu para reflectir sobre a importância do contacto directo entre os editores e o público da pequena edição (público rarefeito mas empenhado) e para testar as vantagens da venda directa, sem intermediários, testando a reacção imediata à oferta apresentada. É nessa lógica que surge mais tarde a expressão Comércio Cultural Justo associada à Feira Laica.

Percebeu-se gradualmente a urgência de manter um evento desta natureza com alguma regularidade, que funcionaria simultaneamente como estímulo para publicar e como espaço de escoamento da produção, cara a cara com os nossos compradores.

O resto é público: mais de duas dezenas de edições que cobrem um território considerável (Lisboa, Palmela, Oeiras, Porto, Seixal, Coimbra, Braga) e que ofereceram, para lá do comércio de edições, concertos, exposições, animação infantil, workshops, demonstrações de serigrafia e tipografia, e muito mais. A memória destes anos está depositada no arquivo do blog da Feira e é, na prática, o maior depósito de actividade independente em Portugal dos últimos anos. A lista de colaboradores ao longo deste périplo é extensa e multifacetada, desde a co-organização de eventos e exposições (André Lemos, Miguel Carneiro, João Cunha, Jucifer, João Bragança, ...) até à coordenação da oferta musical (Thisco, Ricardo Martins, Marvellous Tone, Cafetra, ...), passando pelas demonstrações no domínio das artes gráficas e impressão de cartazes (Oficina do Cego e atelier Mike Goes West). Temos igualmente procurado novos colaboradores com quase metade da nossa idade (Lucas Barbosa, Zé Burnay, Zé Cardoso, Rudolfo, ...).

O nosso Público não está bem definido, mas tem interesse pela banda desenhada, ilustração, literatura, música, impressão e a edição independente em geral. Os mais pequenos também têm o seu espaço próprio com a Mini-Laica (uma feira organizada pelas crianças), contadores de histórias e outras actividades, geralmente a cargo da Sandy Gageiro.

Acusando o cansaço de quem anda nisto há quase dez anos, anunciámos para este mês de Dezembro de 2012 a “última feira laica”, esperando levar a cabo belas exéquias, à altura do cadáver. Esperamos que, por efeito de macumba, a malta mais nova ressuscite a coisa. Afinal para fazer uma Laica só é preciso arranjar um espaço e actualizar o blogue. O resto é piloto automático.

Marcos Farrajota e José Feitor | www.feiralaica.wordpress.com





É muito bom trabalhar só com amigos e durante muito tempo. Para o próximo ano vou reunir energia e agudeza e apetrechar-me de novas resoluções, ajustando-me à dimensão e carácter do mercado português. Através de parcerias será

possível enviar trabalho para fora. Tudo o que correu bem no passado será continuado, o que é praticamente tudo... Com este alento outros projectos acontecerão. ¶ Apenas recentemente me apercebi que, em 10 anos de actividade, apenas editei 2 livros em serigrafia, ambos em parceria, com a Imprensa Canalha e com a Isabel Baraona. Isto vai mudar definitivamente no próximo ano e, se correr bem, nos vindouros. Falta ajuda para organizar a colecção e alguém que lhe dê uma coerência. Conhecem alguém? ¶ Uma referência incontornável em dispêndio de tempo, de recursos, e afinidades, é a Oficina do Cego, a associação de artes gráficas da qual sou associado. Prevejo uma torrente de afazeres, aos quais vou destinar grande importância e atenção, quer no bem-querer das pessoas envolvidas, quer nos trabalhos editoriais que vão acontecer. ¶

A todos os amigos um bem-haja. ¶
Atelier Mike Goes West | www.mikegoeswest.blogspot.com



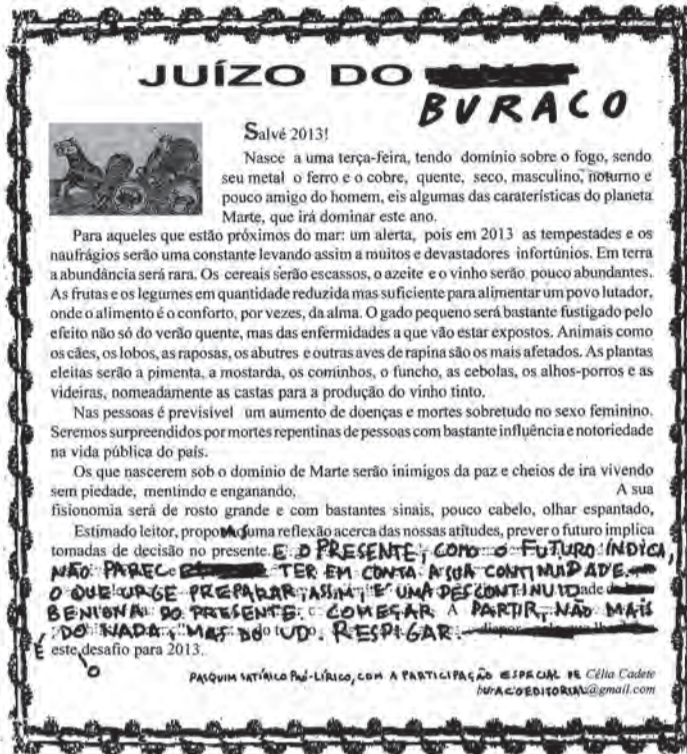
E agora, que planos? ¶ Agora, e para já, vamos publicar três projectos editoriais politicamente situados quer em termos do contexto social actual quer em termos de prática artística, independente, pessoal e autoral. *The*

Candidate, de António Júlio Duarte, um “jornal” sobre a eleição do candidato único para o lugar de chefe do executivo de Macau; *Bad Liver and a Broken Heart*, de São Trindade, abordagem feminina e visceral ao acto de criação como meio de exorcismo, e por fim, *Não tenho medo*, uma recolha anónima, em forma de “fanzine”, dos placards da manifestação do dia 15 de Outubro de 2011 que deu lugar à ocupação da escadaria da Assembleia da República. ¶ Três projectos que indicam as direcções que a GHOST quer continuar a explorar. Ou seja, manter uma atenção particular aos formatos experimentais, pensados em adequação com os conteúdos (e os contextos); mas também aprender com essas diversidades de formatos, de autores e de projectos. Ficar atentos a projectos que desafiam o presente, o contexto social e político, nacional e internacional, com sensibilidade. Apostar na ideia que a GHOST pode não só editar conteúdos já produzidos mas também produzir conteúdos para serem editados; como já aconteceu com a publicação GHOST (residências artísticas) ou ao nível de eventos como o projecto “O que um livro pode”, com debates, conversas e workshops sobre a versatilidade do livro enquanto objecto e conceito, uma iniciativa co-organizada com a Oficina do Cego, em parceria com o Atelier Real e a STET. Para 2013, queremos prolongar esse eixo de trabalho com projectos individuais e colectivos, com artistas e curadores que vêem na GHOST uma editora capaz de articular projectos de “edição expandida” onde a publicação é vista como um acto de continuação (de uma exposição, de um espectáculo, de uma investigação, etc.) e de reflexão sobre a posição do leitor como espectador, ou vice versa. Mas também à escala colectiva, associarmo-nos a projectos que pretendem proporcionar condições para a criação de uma massa crítica de praticantes (autores, editores, etc.) que reflectem e trabalham à volta da imagem enquanto documento. ¶ Finalmente, para o ano 2013, a GHOST trabalhará para a produção de dois grandes projectos editoriais. O primeiro é a História do Rock’n’Roll em Portugal de 1958 a 1982, com a editora de discos vinis Groovie Records, uma antologia visual e comentada de um período que acompanha o nascimento do Rock numa escala global mas também a transição entre o fim da ditadura e o nascimento da democracia; ou seja de revoluções consecutivas em termos de estilos de vidas e de consciência (estética e política) perante a vida. ¶ O segundo é *A Minha Vai Mudar* (título provisório), um livro nosso, em co-autoria. Durante um ano seguimos o fluxo dos acontecimentos mediáticos, recolhendo e organizando imagens e títulos que chegavam de uma distância que parecia cada vez mais afastada. Interessava-nos cruzar esse arquivo com a nossa própria história, as nossas imagens de família, de escala privada, de casa, de bairro, de cidade. A macro e a micro escala vistos em simultâneo - a grande e a pequena história. A história do presente e a do futuro. ¶ Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot, directores artísticos. GHOST é uma associação cultural sem fins lucrativos criada em Março de 2011. ¶ <http://www.ghost.pt>



A MMMNNRRRG é uma editora de BD e Ilustração «só para gente bruta» que existe desde 2000, fundada por mim. Desde 2010 que a Joana Pires se juntou ao projecto. A MNRG é mais virada para livros a solo, de autores

que não se consigam colocar em compartimentos e géneros bem comportadinhos, que nos façam molhar por dentro e por fora (pésima imagem) e que ninguém queira pegar neles... O que quer dizer que não há assim tantos assim pelo mundo fora – ultimamente até temos publicado livros que já existiam noutras línguas e que mereciam ser conhecidos neste canto europeu. Vai ser o caso de Inferno do holandês Marcel Ruijters, que fez uma adaptação em BD da Divina Comédia de Dante que traz à luz a decadência do Capitalismo. ¶ Para 2013 gostaríamos de continuar a lançar mais volumes d’*Acontorcionista*, *Mundos em Segunda Mão* de Aleksandar Zograf, novos números de *Mesinha de Cabeceira* e *Subsídios* (antologia dedicada à Outsider Art, Art Brut e afins) mas as suas saídas dependem de várias situações que vão da produção de objectos artísticos ou artigos escritos às coisas mais mundanas como a espera da tradução das obras... Por isso não há datas certas nem coisa que se pareça. Aos seguidores destas obras, pedimos a sua Fé Espiritual e Monetária. Amen! ¶ www.gentebruta.pt/vu



A Pangrama é uma publicação independente, temática, colaborativa e de periodicidade irregular, com três números publicados desde 2009. É objectivo da revista funcionar como uma plataforma para a conversa sobre Design (de comunicação) em Portugal. ¶ A Pangrama não é uma revista tradicional, isto é, não tem secções fixas. Ao contrário, os conteúdos e o design de cada número são pensados sempre do zero. ¶ Com o quarto número a sair, a revista conseguiu atingir um nicho interessante na cidade do Porto, mas ainda insuficiente. É absolutamente essencial encontrar estratégias que permitam que o projecto seja auto-suficiente e que permitam também remunerar os colaboradores. Para tal, a Pangrama precisa de mais leitores. É intenção do corpo editorial que a publicação chegue a um público maior e mais diversificado, que contemple outras pessoas que não designers e estudantes de design. ¶ Esta necessidade de crescimento traduz-se, em termos práticos, em três frentes (ou três objectivos): a consolidação dos critérios editoriais e um sempre renovado cuidado no processo de editoria, o empenho em formas tradicionais de comunicação e uma forte presença na web. ¶ O quarto número tem como tema Portugal. Neste número, os textos são escritos com base não apenas na palavra “Portugal” mas também num conjunto de outras palavras escolhidas por cada autor, de entre uma lista prévia dada pelas editoras. Isto significa a todos os autores foi dado exactamente o mesmo enunciado, o que constituiu para o corpo editorial um exercício novo. ¶ Por seu lado a Feira de Publicação Independente surgiu em 2011 como um projecto que, com uma temática um pouco distinta – a edição independente, conseguia ir de encontro à filosofia e aos objectivos nos quais a revista Pangrama sempre se reviu. ¶ Neste momento, os dois projectos existem de uma forma independente e paralela, valorizando-se e apoiando-se mutuamente, mas assumindo que cada um tem a sua identidade e o seu caminho. ¶ As feiras começaram com o objectivo simples de dar mais um ponto de venda, de divulgação e de troca de ideias à edição independente nacional. ¶ Depois de pouco mais de um ano de feiras, onde se misturaram eventos como conversas, palestras, concertos e exposições, o projecto vive com novos planos e ambições. ¶ Com as feiras surgiu o projecto Fair, uma iniciativa que pretende dar força e visibilidade à edição independente nacional. Através de uma plataforma online (www.projectofair.com) e da promoção de eventos relacionados, o Fair vive de e para a comunidade da edição. O projecto pretende não só promover a área através da publicação de notícias e novidades, mas também através da criação de um arquivo, físico

e online, que possa catalogar e mapear a produção independente nacional. A plataforma disponibiliza ainda recursos online que possam ser úteis à prática da edição. ¶ Ao longo do último ano, o projecto Fair tomou conta das feiras, e incorporou-as naquilo que seria um dos seus objectivos principais: a promoção e divulgação da edição independente de uma forma prática e directa. ¶ Durante o próximo ano, pretende-se que o site ganhe a solidez e a consistência necessárias para que se torne realmente pertinente e relevante na edição independente nacional, ao mesmo tempo que promove mais eventos tentando valorizar de uma forma cada vez mais eficaz a qualidade da edição independente nacional. ¶ www.pangrama.org



A Chili Com Carne é uma associação sem fins lucrativos que promove o *pathos* e *ethos* da edição independente desde 2000 – antes era uma confusão de intenções e acções. Para 2013 nada sabemos porque, sendo o trabalho voluntariado por parte de todos os associados, as coisas

funcionam geralmente de forma orgânica e como tal imprevisível. Mas calma! Somos uns rapazes e raparigas minimamente organizados e até temos colecções no nosso catálogo para onde vamos colocando os livros que nos surgem. ¶ Sem conseguir prever o que irá surgir, o mais certo é encontrar mais algumas BDs perdidas no mundo dos zines, para reeditar em formato livro na colecção *Mercantologia* – como irá acontecer até ao final do ano, em que iremos pegar no Afonso Ferreira (a BD *Love Hole* publicada no *Lodaçal Comix*), Lucas Almeida (um “best of” d’*O Hábito Faz o Monstro*), e reeditar o “clássico” *Mr. Burroughs* de David Soares e Pedro Nora. ¶ Um novo volume da antologia *Antibothis* irá surgir, em parceria com a Thisco, com que editamos a colecção *THISCOvery CCChannel*. Também se fala de um segundo volume do *Bestiário Ilustríssimo*, que recolhe textos do crítico de música Rui Eduardo Paes. ¶ A colecção de viagens *LowCCCost* deverá ter um volume dedicado a toda esta geração de criativos portugueses obrigados a emigrar. Já se falou desta hipótese entre alguns autores de BD, sendo que o cenário perfeito a atingir seria ter participações de todos os nossos sócios que se encontram ou que já estiveram fora: João Rubim, Bráulio Amado, João Fazenda, Jucifer, Ricardo Martins, Lucas Almeida, Margarida Borges, Marcos Farrajota, André Ruivo, Christina Casnellie, Ana Biscaia, André Coelho,... Até lá sai o *Kassumai* que relata a estadia de David Campos na Guiné-Bissau e Senegal. ¶ Para a *Colecção CCC* sairá um novo (anti)romance de Rafael Dionísio sobre o Ultramar, talvez o regresso do meteórico Nunsky, e outra promessa é o primeiro livro de BD a solo de Jucifer! Logo se vê! ¶ Quanto a festivais não sabemos em quais vamos continuar a participar, os convites são muitos, o tempo limitado e há sempre eventos a nascer e a morrer... Este ano ainda iremos ao Alt Com (Malmö, Suécia) e (infelizmente) à última Feira Laica. ¶ www.chilicomcarne.blogspot.pt



A Plana começou a ser pensada no Porto no outono de 2007. O primeiro título acabaria por ser apresentado ao público no primeiro dia de março do ano seguinte, num quarto andar no coração do Chiado, quando já se começava a sentir a primavera no ar. Por aqueles dias não havia

qualquer pressa em editar e lá fomos continuando com essa mesma falta de urgência inicial. Publicámos sempre que foi possível e sem pressões. Também não havia uma ideia definida de catálogo mas cedo percebemos que a ilustração e a BD seriam o nosso território. ¶ Contamos com sete títulos publicados, com trabalhos de Rui Vitorino Santos e Júlio Dolbeth, Marco Mendes, Ana Carvalho e Ricardo Lafuente, Salao Cobi, Diogo Oliveira, Christina Casnellie e ainda *Dandy*, o catálogo da exposição coletiva na galeria Dama Aflita. ¶ A nossa prioridade foi sempre abraçar projetos pessoais e trabalhar diretamente com autores que admiramos. Discutimos tudo em conjunto, desde o formato à licença para publicação. ¶ A maior parte do nosso catálogo está disponível para descarregar livremente em formato PDF em planapress.org. ¶ Temos passado por feiras de pequena edição, nacionais e internacionais. A convite do festival Verbindungen/Jonctions 13 fizemos a primeira experiência de publicação online com a peça *Drawing Loop*, em colaboração com o coletivo belga De Geslepen Potloden. ¶ E agora, que planos? Nestas alturas lembramo-nos sempre do verso dos Sonic Youth, *I'm not moving doesn't mean I can't*. Ainda que possa parecer que estamos parados, não significa que o projeto tenha desaparecido. Continuamos atentos ao que se passa na área da edição, em Portugal e lá fora, e ocupados com atividades afins, como feiras, conferências e entrevistas. Mantemos o contacto com os nossos autores e com outros cujo trabalho admiramos. A única certeza é que continuaremos a publicar sempre que for possível e sem pressões. ¶ Os editores, Luís e Ana ¶ www.planapress.org